

funcionamento do “Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica de Bauru” é de segunda a sexta-feira, das 8 às 17h30min, rua Irmã Arminda, 10-50.

(Nota de Jair Aceituno, em “O Estado de S. Paulo”, 17-4-188).

Nota da Redação. Há alguns anos, pouco após o falecimento do saudoso jornalista José Fernandes, fundador e diretor por muitos anos do jornal “Correio da Noroeste”, de Bauru, o responsável por esta publicação (que, na época, ainda não existia) foi convidado pela família Fernandes para examinar o rico acervo documental de interesse para a história de Bauru, deixado pelo jornalista, que, aliás, sempre se mostrou vivamente interessado pela história da cidade, reunindo, ao longo de sua vida precioso material como pôde ser constatado na ocasião. O responsável por esta publicação chegou a oferecer à família um plano para o aproveitamento sistemático do referido acervo. Circunstâncias diversas, que não vêm a pelo mencionar, determinaram a interrupção do trabalho planejado, o que se agravou mais ainda com a mudança da família de José Fernandes de Bauru e, pouco depois, o falecimento de sua viúva. Seria interessante conhecer-se o paradeiro deste precioso acervo. Teria sido incorporado ao “Núcleo”, aqui registrado? ou teria sido entregue a algum particular, desses que sempre existem em todas cidades, interessados em coisas de seu passado, e sem cuja contribuição ninguém poderá pesquisar a história local, conforme já temos tido provas em diferentes cidades cuja história pesquisamos? Enfim... os tais “homens-arquivos”, a que se referia Tocqueville. ONM

*

PERDE A “CAMPINENSE” O SEU FUNDADOR

Com o falecimento de Francisco Ribeiro Sampaio na tarde do dia 7 de maio, perdeu Campinas um dos seus grandes valores. Moral e culturalmente falando. Não era campineiro, mas era como se o fosse, tanto amou esta cidade, e tanto trabalhou por ela. Nascera em Santa Rita do Passa Quatro, a 17 de maio de 1909. Por dez dias teria completado setenta e nove anos. Vivia em Campinas desde o final da década de 30, a princípio como professor de nosso tradicional Ginásio do Estado (o “Culto à Ciência”) e, depois na Universidade Católica.

Nas duas instituições regeu os cursos de Língua Portuguesa, angariando merecida fama de grande professor. Cultor exímio e dedicado da língua, teve, todavia, espírito aberto para outras áreas do saber, do que tive prova nos quase trinta anos em que convivemos, de início na Universidade e, depois, na Academia Campinense de Letras, instituição de que foi fundador e grande animador. Escolheu com critério o grupo inicial do sodalício e presidiu-o por vários anos. Em reconhecimento, a Academia erigiu-lhe o busto quando da inauguração da nova sede e fê-lo presidente

de honra. Foi sempre extremamente dedicado à Academia, que via como a “menina dos seus olhos”. No biênio em que tive o privilégio de presidi-la, tive em Sampaio um dos melhores colaboradores. Jamais se negou a um pedido meu para que proferisse alguma conferência ou mesmo simples fala ocasional a propósito de efemérides literárias ou ocorrências significativas na vida cultural da cidade ou do País. Citaria, para exemplificar, dois casos: as conferências sobre Carlos de Laet e Otoniel Mota, que tive o prazer de incluir nesta publicação, da qual, aliás, diga-se de passagem e como gratidão, foi sempre um entusiasta, animando-me sempre a prosseguir nesta tarefa, que iniciei ao tempo em que o tive como Diretor na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de nossa Universidade.

Era Sampaio um dos poucos sobreviventes (creio que agora resta apenas um...) do grupo inicial convocado pelo saudoso Monsenhor Salim para fundar em Campinas, nos idos de 1941, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, origem, como todos sabem, de nossa hoje grandiosa Pontifícia Universidade Católica. Com a reforma de 1970, que desmembrou as antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras em diversas unidades universitárias, Sampaio teve a seu cargo a organização do Instituto de Letras, que dirigiu enquanto suas condições de saúde o permitiram.

Serviu à cidade, ainda, numa passagem, embora rápida, pela política e pela administração, quando integrou nosso Legislativo e exerceu o cargo de Secretário da Educação do Município. Mais afeito a ensinar que a escrever, deixou, contudo, escritos valiosos (alguns em colaboração com o pai, o renomado professor B. Sampaio), sendo de se destacar: **Um poeta campineiro: B. Sampaio, Santa Teresa de Jesus e outros escritos, Renembranças e Palavra, pátria minha.** ONM

*

PRESERVANDO A MEMÓRIA DA SANTA CRUZ

Tivemos conhecimento, há pouco, de uma exposição de jornais e revistas de bairros, realizada na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no antigo Distrito de Santa Cruz. Santa Cruz — sabem-no todos os que têm algum conhecimento da história do Rio de Janeiro — é uma das regiões mais “históricas” do antigo Distrito Federal. Sede de importante fazenda dos jesuítas, encampada pelo governo após a expulsão dos discípulos de Santo Inácio, tornou-se local privilegiado ao tempo de D. João VI, que restaurou a fazenda, fazendo-a ponto de viliatura, visitada e descrita por inúmeros viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil no século passado. Um deles, Debret, desenhou-a, num documento iconográfico precioso. Todos os historiadores do Rio de

restauração da chamada “Casa do Tropeiro”, nas imediações do Museu Paulista (Ipiranga) e a organização da “Casa do Bandeirante”, no Butantã. Taubaté, sua cidade natal, deve-lhe, entre outras coisas, a organização do Arquivo e Museu da Municipalidade, do qual era diretor. Publicou numerosos trabalhos sobre velhas fazendas do Vale do Paraíba, bem como sobre o folclore da região, outro campo de seu interesse. Nascera em 1913, contando, pois, 75 anos de idade. Pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao Instituto de Estudos Veleparaibanos e a diversas outras entidades culturais. Grande amigo desta publicação, e de seu responsável é com sentido pesar que registramos seu passamento.